

cido entre as dominicas menos de um mez, com grandissimo pezar d'estas, que por muito maior dilatação quizeram possuir no seu gremio estes admiraveis exemplares de perfeição evangelica. O Eminentissimo Cardeal Archiduque foi o mais decidido protector do novo instituto, e tanto o considerou e tão alto o avaliára, que n'elle introduzira sua Augusta sobrinha, filha de seu irmão o Imperador Mathias, que ainda então não reinava.

Esta senhora, que entrára na clausura, para exercitar-se nas lições praticas da virtude, veio a tomar o habito de carmelita descalça, professando com o nome de Michaela de Santa Anna, trocando a purpura pelo saial, o palacio pelo convento, as pompas da côrte pela pobreza da religião, todos os commodos e regalos pelas asperezas e austeridades da vida monastica. Que força tem o iman da virtude para attrahir ainda as pessoas mais altamente collocadas, não só pelo nascimento, como pelos dotes de fortuna e respeitos do mundo! No claustro fôra sub-lita exemplar a augusta princeza, sujeitando-se voluntariamente a todas as regras da santa obediencia. Veio depois a ser prioriza no mosteiro, mais tarde fundado em Carnide, da mesma regra <sup>1</sup>

O convento de Lisboa teve a invocação de Santo Alberto e não a de S. José como era costume nos da reforma de Santa Thereza. Isto estranharam muito as religiosas do mosteiro primario de S. José d'Avila e a sua prioriza o fizera sentir á Madre Maria de S. José, que fôra uma das filhas predilectas da Santa fundadora.

<sup>1</sup> A ordem carmelita em Portugal contou entre os seus membros outra senhora de regia estirpe, a senhora D. Maria, filha natural d'El-Rei D. João IV, que nasceu em 30 d'abril de 1644 e falleceu a 7 de fevereiro de 1693.

A este reparo respondeu em verso a humilde superiora das carmelitas que vieram para Portugal:

Joseph, patron general  
del Carmen, no es maravilla,  
que juzgue por desigual  
ser segundo em Portugal,  
siendo primero en Castilla.

Por general comunica  
a los dos egual favor,  
mas por singular amor  
al lusitano le aplica  
otro segundo pastor.

Que en uno y otro Carmelo  
doblado espirito y zelo  
a un no sufre en una ley,  
ni en la tierra un solo Rey  
ni un patron solo en el cielo.

De todos es patron Joseph,  
pero aqui se le une Alberto  
gran defensor de la fé;  
que de sus designios vê  
franco en Portugal el puerto.

Que del martyrio la empreza  
que Alberto mostró a Thereza  
la execucion se difiere  
y desempeñar se quiere  
en la sangre portugueza.

Assim se denominou de convento de Santo Alberto o primeiro que se fundou em Portugal, e essa invo-

cação conserva, embora exterminadas, pela impiedade revolucionaria, as santas filhas da gloriosa Thereza de Jesus.

E como fosse mister reforçar a communidade com o numero sufficiente de religiosas para as funcções co-raes, vieram de Sevilha mais quatro, que foram Isabel de S. Jeronymo, Luiza de Jesus, Margarida da Conceição e Archangela de S. Miguel. Com a communidade assim composta se fez a eleição, e sem discrepancia de pareceres foi eleita Prioriza a Madre Maria de S. José, e sub-prioriza a Madre Isabel de S. Jeronymo, uma das recém-chegadas. E logo que o convento se estabeleceu, tão suave era o cheiro da virtude que d'elle se exhalava, que começaram a correr postulantes ao habito carmelita, e entre estas veio uma sobrinha do conde de Sabugal, D. Maria de Castel Branco, que professou com o nome de Maria de Jesus, indicando por este modo que dentro dos apertados muros da clausura só a Jesus procuráva. A Madre prioriza lhe endereçou e glosou uma quadra que começa :

Una hermana lusitana  
 oy se viste de saya',  
 libre quedará del mal,  
 que causa la vida vana.

Assim se fundára e progredia o pequeno convento das pobres carmelitas, que a umas attrahia para dentro, a outras admirava para fóra, influindo salutarmente quer em favor das primeiras, quer das segundas. Visitado pelas damas da primeira aristocracia da côrte, todas vinham maravilhadas do que seus olhos observavam, e diziam: que não eram aquellas mulheres gente da terra, senão do ceu, de lá vindas para

ensinar o verdadeiro caminho, e quão enganadas andam as que no mundo permanecem, e seguem as suas illusões. Aquellas só tratam do seu desprezo, e vêem-se ahi renovados os rigores antigos, estando mais contentes na sua pobreza, penitencia, silencio e cilícios do que na côrte nas suas gallas.

Desprezam ellas a honra que ás outras atormenta; fogem dos deleites que se buscam, a todo o visível são superiores, acham facil o que geralmente se teme, e como Deus falla em suas obras, arrebatam os corações.

E com effeito a observancia da regra de Santa Thereza conduz necessariamente á vida perfeita, porque todas as occasiões de peccar são dirimidas com o maior escrupulo. N'este convento de Santo Alberto, dirigido por uma religiosa tão severa, como a Madre Maria de S. José, que nós conhecemos no decurso d'esta historia, quando ainda era menina e estava na casa da duqueza de Medina-cœli, se lançaram os fundamentos para o modo de proceder de todas as carmelitas que tão alto floresceram n'este paiz, emquanto se não considerava um crime a via da perfeição religiosa. Dizia a veneranda Madre para as suas devotas subditas: «Manda-nos o esposo divino que lancemos de nós os chapins, em que nos mostra o amor que nos tem; pois não quer que caiamos e quebrems a cabeça; manda-nos usar de alparcas, que são seguras de tropeçar, e por calladas mais convenientes ao silencio.» E com o maior cuidado procurava que as religiosas a nada se affeioassem, considerando-se sempre desnudadas de tudo, observando o que diz a regra: «advirta a Prelada com diligencia que quando vir alguma religiosa que tem affeição a alguma coisa particular, ou sejam livros, ou cella ou outra coisa, logo lh'a tire e guarde-se isto com muito rigor, e o execute a Prelada

severamente, e não consinta que se quebre esta constituição em maneira alguma.»

E' a conversação commum o vehiculo por onde vem a maledicencia, a murmuração e as más lembranças. Era ella expressamente prohibida, porque ou a communitade estava reunida para os officios coraes, ou as religiosas se achavam segregadas nas suas cellas, occupadas com trabalho 'manual, não havendo tarefa em commum, e assim era perpetuo o silencio.

Se as carmelitas foram hospedas das dominicas, com tanto gosto d'estas, quando aquellas vieram para Portugal, em breve deram paga d'essa hospedagem as pobres carmelitas a outras religiosas mais pobres ainda, porque mais desamparadas, as flamengas, que acosadas pelos herejes no seu paiz vinham a terra de mais humana gente buscar abrigo, depois de muitos tormentos e vida mui trabalhada.

Eram vinte e uma senhoras que solicitaram abrigo sob o tecto do convento de Santo Alberto, e tão bem acolhidas foram, como era de esperar, da parte de quem recebia e das hospedas, illustres pela virtude e pela perseguição atroz de que eram victimas pela sua fé, pela sua perfeição de vida. Eram ellas tambem descalças, mas da Ordem do Seraphico Padre S. Francisco, e tão observantes da sua primitiva regra que em nada ficavam devendo á severidade da constituição carmelitana. Preparava-se para as desterradas Madres franciscanas flamengas um convento em Alcantara, e enquanto se preparava, em parte alguma podiam melhor esperar do que no convento das filhas de Santa Thereza; e com effeito estiveram ali alguns mezes, até que se mudaram, sahindo processionalmente de Santo Alberto, indo á sua frente o venerendo Arcebispo de Evora, D. Theotonio de Bragança, que então se achava em Lisboa, e, pela sua devoção, grande parte to-

mara n'este povoamento de monges e freiras da mais estreita observancia.

Por essa occasião tambem se fundou um hospicio de convertidas, onle as mulheres de mau comportamento iam penitenciar-se e pela reforma da vida conquistarem o que haviam perdido.

São estes os estabelecimentos de verdadeira e genuina inspiração christã, que o progresso moderno engeita e condemna, porque as suas tendencias são naturalmente impias, immoraes e atheistas.

Não entra no nosso proposito fazer a chronica da Ordem carmelita em Portugal, nem fallar dos grandes vultos de santidade que n'ella se formaram, quer nos dois conventos estabelecidos n'esta epoca em Lisboa, quer nos que se fundaram posteriormente. Todos elles foram sempre modelos dignos de serem admirados e imitados; hoje nenhum existe, tolos estão reduzidos a montão de ruinas ou transformados em usos profanos; mas esses logares são santos pelo fim que tiveram, pela vida austera e contemplativa, que leváram seus moradores, o que não obstou a que muitos d'elles, os do sexo masculino, não servissem nas missões do Ultramar, apesar de não ser esse o objectivo do seu instituto, e nas armadas reaes, como foram aquelles que se embarcaram na grande armada chamada invencivel, epitheto bem pouco accommodado ao exito que teve, e que o poderoso rei das Hespanhas enviou, contra a Grã-Bretanha; expedição em que os descalços não foram poupados nem para o serviço nem para o martyrio.

Seguiram-se depois d'este desastre muitos trabalhos, por que passou Lisboa, por causa das pretensões ao throno de Portugal do Prior do Crato, e da invasão dos inglezes, a cujas mãos as carmelitas almejavam por morrer, por elles serem herejes e por isso inimigos dos catholicos e muito principalmente de religiosos e

religiosas, mas não quiz o Senhor conceder-lhes essa corôa, porque o inimigo não pôde penetrar na cidade. Também não pouco padeceu a virtuosa Madre Maria de S. José, a primeira prioreza em Santo Alberto, por más disposições, embora sem intenção criminosa, dos seus prelados, vindo a morrer em Cuerca, no anno de 1603, com odor de santidade, sendo invejavel o seu ditoso transito, pelos favores que Deus lhe fez, revelações que teve, e signaes felizes que houve logo depois do seu passamento.

Mas de tudo isto o mais importante para a ordem dos carmelitas descalços em Portugal foi a criação de uma provincia distincta inteiramente e a sua separação completa da provincia da Andaluzia, a que esteve unida durante alguns annos, assim como a independencia absoluta da Ordem dos descalços da Ordem geral do Carmo, obtendo por concessão pontificia um geral privativo. Foi tambem de grande importancia e proveito a fundação de novos conventos. Em 1594 teve logar a de Cascaes, pela exemplar liberalidade do conde de Monsanto, D. Antonio de Castro e de sua esposa a condessa D. Ignez Pimentel, filha de Martim Affonso de Sousa, visor-roi que foi da India, varão de esclarecida memoria. A sua devoção pelos frales carmelitas os levou a offerecer ao Padre Provincial a nova fundação n'aquelle local, de que eram senhorios donatarios pelos seus antepassados, desde o tempo de el-rei D. João I que o doou a João das Regras, por cuja filha, D. Branca da Cunha, descendia o primeiro conde de Monsanto, que foi valido d'El-Rei D. Affonso V.

Os primeiros carmelitas que foram habitar em Cascaes foi Fr. Gabriel de Christo, fidalgo distincto e varão de grandes dotes espirituaes, e Frei André da Conceição. Pouco depois teve logar a fundação do mosteiro d'Evora de religiosos carmelitas, em que tinha o

maior empenho o arcebispo D. Theotónio de Bragança, prelado e príncipe maior pelas suas virtudes e zelo religioso do que pelo seu illustre nascimento. Para esta fundação concorreram jubilosos os principaes personagens da cidade, taes como o marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, D. José de Mello, que depois foi Bispo de Miranda e Arcebispo d'Evora, Fernão Martins Freire, senhor de Bebadella, D. Francisco de Tavora, D. Fernando de Castro Conde de Basto, Heitor de Mariz, Ruy de Valladares Sotto-Maior, e outros grandes fidalgos. Tão satisfeito ficou o arcebispo com a introdução dos carmelitas na sua diocese, que tendo em Evora um devoto convento de agostinhas, denominado do Menino Deus, escreveu á Madre Maria de S. José para vir alli residir com algumas religiosas para estabelecer as regras da maxima perfeição, que observava com tanto esmero no convento de Santo Alberto, e reformar assim o mosteiro agostinho; mas a virtuosa prioriza, conhecendo os perigos de semelhante missão, pediu ao arcebispo que a dispensasse e que só iria impondo-lhe preceito o seu provincial. Não era porém da índole da regra carmelita que os seus membros fizessem visitas a mosteiros de outros institutos, e por isso, como condescendencia com o Prelado, permittiu o provincial que a Madre podesse ir, mas não como preceito; pelo que ella novamente se escusou, e não teve o Arcebispo o gosto de ver as carmelitas em Evora; mas era tal a sua inclinação para esta congregação que inflammou o zelo de seu sobrinho o duque de Bragança, D. Theodosio, para que fizesse fundação em alguma das povoações de seus estados; e assim o resolveu na villa d'Alter do Chão, onde se fundou um mosteiro de religiosos carmelitanos; mas não durou muito tempo este convento, que acabou em 1605, porque alguns religiosos castelhanos para desgostarem o Serenissimo



duque de Bragança, allegando a insalubridade do local e o descommodo do convento induziram o Provincial a mandar recolher os frades para Evora, ao que obedeceram como lhes cumpria castelhanos e portuguezes, mas com muito desgosto dos ultimos, pela estima em que tinham a casa de Bragança; na qual se fundavam todas as esperanças de restauração para a independencia da patria.

A instancias da Condessa de Monsanto vieram de S. Lucar algumas religiosas para fundar tambem convento de freiras em Cascaes; e para directora escolheu o Geral a Madre Isabel de S. Francisco, uma das companheiras de Santa Thereza.

Esta senhora com mais quatro religiosas vieram no anno de 1599 para Lisboa, fazendo caminho por Evora, onde o Arcebispo, proseguindo na sua dedicacão a esta sagrada religião, as acolheu com o maior respeito; mas a fundação não se verificou por fallecer pouco depois a piedosa Condessa e pela necessidade que houve de um Breve pontificio, afim de applicar ao novo convento as rendas de certas merceiras.

Recolheram-se todavia as religiosas ao convento de Santo Alberto; e cinco annos depois foram as Mães Luiza de Santa Clara e Francisca da Madre de Deus para a fundação de Lucena; as outras permaneceram em Santo Alberto, d'onde Deus as chamou a seu tempo para a gloria, a que estavam reservadas e bem mereciam.

N'esse mesmo anno de 1599 se fundou o convento de carmelitas descalços em Figueiró dos Vinhos, a pedido e por doação de Pero de Alcaçova e Vasconcellos, doando-lhes para isso a sua quinta da Eireira, com varias obrigações e direitos, como consta da respectiva escriptura de doação; mas a fundação só se terminou no dia de Ascensão do Senhor a 11 de maio

de 1600. Mas como a quinta da Eireira ficava fóra do povoalo, e a administração dos Sacramentos se tornava difficil, mudou-se o convento para outro sitio, proximo da villa, por accordo com o illustre padroeiro. Em 1603 ainda o mesmo distincto padroeiro de Figueiró e outras pessoas de consideração conseguiram que se fundasse collegio de carmelitas em Coimbra, com grande contentamento do Bispo Conde D. Affonso de Castello Branco; e foi o primeiro local, onde o collegio se estabeleceu, ao principio da rua das Fangas, á porta de Belcome, na casa do conde de Portalegre.

Poucos annos depois, em 1608, attendendo á estreiteza do local, escolheu-se para melhor e mais espaçosa fabrica o outeiro, chamado da Genicoca ou Monte Aureo, situação esplendida, sobre o rio Mondego, onde se estabeleceu o convento, que existe ainda, com a invocação de S. José; concorrendo para esta fundação o cabido diocesano, o duque de Aveiro, D. Alvaro de Lencastre, os mosteiros de Santa Clara, de Lorrvão e Cellas, e outros bemfeitores.

Este convento, onde os collegiaes sempre se tornaram notaveis no estudo das sciencias, mas ainda mais nas virtudes, entrou, como era certo, na sentença de exterminio de 1834; ainda ninguem o conhece senão pelo nome de S. José dos Mariannos; e felizmente desde 1845 tem uma applicação piedosa, porque se acha habitado pelas Ursulinas de Pereira, d'onde mudaram pela insalubridade da terra, onde as febres dizimavam todos os annos as educandas.

Em 1613 fundou-se o convento de religiosos descalços em Aveiro, com patrocínio tambem do snr. Bispo-Conde, a cuja diocese pertencia esta villa, que mais tarde teve Bispo proprio, e brevemente volverá á sua antiga capital diocesana, pela proxima extincção d'este bispado, e concorrendo tambem para isso o duque,

D. Alvaro, que muito desejava ter dentro dos seus estados religiosos de tanta virtude e tão ferverosa contemplação.

De Aveiro, no anno de 1617, vieram a fundar convento no Porto o Padre Provincial acompanhado de outros religiosos carmelitas, obtida préviamente a licença do governador, da camara e do Bispo, que ao tempo era D. Fr. Gonçalo de Moraes, da Ordem de S. Bento. Como advogado ante o Senalo municipal orou o doutor Jeronymo Rebello da Maia, varão douto e religioso, que ao fallar-lhe o governador, Diogo Lopes de Sousa, n'esta obra, respondeu: « não esperava eu de Vossa Senhoria menos boas novas que estas; eu farei na camara uma larga pratica sobre a conveniencia d'este negocio.» O sitio, onde o convento provisório se estabeleceu foi na rua de S. Miguel, em casa que arrendou com melhor vontade o abbade de S. Vicente do Pinheiro. Logo no anno seguinte se fundou outro convento em Vianna do Minho, indo para preparar-o os religiosos precisos, que hospedára com toda a satisfação o grande benfeitor Francisco Jacome do Lago, e como fosse fallecido o arcebispo de Braga, Fr. Agostinho de Castro, concedeu licença se le vacante o cabido da archidiocese.

Os carmelitas, que na cidade do Porto fizeram a sua residencia provisoria na rua de S. Miguel, adquiriram em 1622 terreno proprio fóra da porta do Olival e ahi se fundou o seu mosteiro definitivo com dormitórios, igreja e cerca. Foi a 16 de julho de 1628 que na nova igreja collocou o Santissimo Sacramento o Padre Provincial Frei Pedro de Jesus, prégando o Doutor Luiz Corrêa, sobrinho do Bispo D. Rodrigo da Cunha, com muito gosto e satisfação da parte do governador da cidade, camara, desembargadores e das principaes pessoas d'esta povoação, que n'aquelle tempo

se avantajava tanto nas lides do commercio e da navegação, como nos excessos de crença e amor religioso. Hoje este convento serve de quartel á guarda municipal e em parte da cerca se levantou o novo edificio da escola medico-cirurgica. A igreja é administrada por uma confraria ou devoção, que a conserva em bom estado; e annexa se acha a igreja dos Terceiros do Carmo e o seu hospital, honrosa herança devida aos piedosos e humildes filhos de Santa Thereza de Jesus, cuja obra não poude ainda derruir completamente o espirito maligno, que hoje insuffla os actos de quantos influem nos negocios da republica.

O mais soberbo monumento que a Ordem dos Carmelitas descalços deixou em Portugal, que attestará sempre ante os presentes e os vindouros a excellencia d'este instituto e injustiça repugnante com que foi derribado, e a impiedade e vandalismo d'esta epoca, é o deserto do Bussaco, onde os filhos de Santa Thereza iam buscar no ermo as consolações, que só as almas fortemente temperadas são susceptiveis de comprehender, porque na apparencia e aos olhos do mundo essas alegrias são um verdadeiro tormento e castigo cruciante.

Separada como estava a provincia carmelita de Portugal da de Andaluzia, desde 1610 que seus moradores estavam anciosos pela fundação de um deserto, em que podessem consagrar-se á vida eremitica, tão conforme com o espirito d'esta regra, e como remate da perfeição a que aspiravam todos, para nos excessos da penitencia e solidão encontrarem a completa depuração de todo o sentimento mundano. Já n'esse tempo as diversas provincias carmelitas possuíam conventos isolados e solitarios, onde os monges podiam confortar-se no completo isolamento das illusões funestas do mundo. Na Castella havia o deserto da Bolarque fundado

em 1592; na Andaluzia o de Navas, desde 1593; na Castella a Velha o de Batuecas, começado em 1599, nas Indias occidentaes o dos montes de Santa Fé ereto em 1606; na Catalunha o de Cardon, começado no mesmo anno; na Italia o de Varale desde 1618; na Polonia o de Sac desde 1620.

Não tinha a provincia de S. Filippe em Portugal um ermo, como as outras provincias possuiam, e por isso e porque as aguias só procuram penhas elevadas d'onde melhor possam contemplar o brilho dos raios do astro do dia, procurou o Padre Provincial Frei Bernardo de Santa Maria que o definitorio geral auctorisasse a fundação de uma casa, em local apropriado para a vida contemplativa, ou quasi extatica, pois n'aquellas summidades não se póde já ter outra. Não obteve por então deferimento esta petição, mas a persistencia n'ella veio a conseguir a almejada solução, porque o prelado maior da congregação, Frei João do Espirito Santo, que havia sido Prior no deserto de Batuecas, onde se haviam acolhido alguns carmelitas portuguezes, para se exercitarem na vida eremitica, conhecendo os grandes dotes d'elles para as mais austeras e exemplares penitencias, concluiu que seria de grande proveito que na provincia de Portugal houvesse um retiro semelhante, onde se podesse pelejar o bom combate da salvação; e por isso em 1625 avistando-se com o definidor geral da provincia de Portugal, Frei Antonio do Santissimo Sacramento, que ia a Madrid, sem que este lhe falasse em cousa alguma, de moto proprio lhe deu auctorisação para que se fundasse, escolhendo-se sitio proprio; noticia esta que foi recebida em Portugal com os mais significativos transportes de jubilo.

Começou-se em seguida a procurar esse local, que reunisse as condições precisas; afastamento de povoado, salubridade, abundancia de aguas, e copia de ar-

voredos. Deportaram-se alguns religiosos para diversos pontos, onde constava se reuniam essas condições, e assim foram percorrendo por Miranda do Corvo, Pereiro, as montanhas sobranceiras á villa d'Abrantes e finalmente a delectosa serra de Cintra, que pareceu a mais adaptada, laborando todavia no gravissimo defeito da sua proximidade de Lisboa, centro em demasia populoso para se poder esperar completo retiro no recinto que se escolhesse na referida serra.

Por fortuna estando em conversa o Padre Frei Angelo de S. Domingos, reitor do collegio de Coimbra, com o senhor bispo conde D. João Manoel, ácerca das diligencias que se faziam para encontrar sitio acomodado para o deserto carmelita, o venerando Prelado lembrou a Serra do Luso, onde a mitra conimbricense possuia uma deveza, que, no caso de servir, elle daria de bom grado, tal era o grande gosto que tinha de que a Ordem carmelitana tivesse um apropriado retiro tão proximo da cidade, capital da diocese. Esta indicação pareceu uma revelação do ceu, de que o humilde reitor se deu pressa em communicar ao provincial. Varias foram as visitas que se fizeram ao local indicado, indo lá até o Prelado maior da Ordem, ficando todos maravilhados da belleza do sitio, das condições exceptionaes que n'elle concorriam, e do favor do ceu em ter escondido um paraizo terreal tão aprazivel para aquelles que alli quizessem habitar e rapidamente poderem voar á bemaventurança.

Solicitou-se de Roma a necessaria licença para que o Reverendissimo Bispo podesse transferir a propriedade d'este terreno pertencente á sua meza pontifical, e com effeito concedeu-a a Santidade de Urbano VIII a 8 de fevereiro de 1629, nomeando para commissario d'esta doação ou antes subrogação o Bispo de Leiria, que então era D. Diniz de Mello.

Procedeu-se á louvação do terreno, que ia ser cedido, sendo avaliado em cento e oitenta mil réis, que sendo empregados em outros terrenos para a mitra de Coimbra, habilitaram o Bispo commissario por seu bastante procurador o conego Doutor Alvaro Martins Pereira a proferir sentença de adjudicação á Ordem dos carmelitas descalços, para ahi fundarem o convento de Santa Cruz do Bussaco.

O conselho real, que residia em Lisboa, e governava o reino em nome d'El-Rei Philippe IV, não concedeu todavia permissão para esta nova fundação; mas como já Sua Magestade havia dado patente para a fundação de tres conventos carmelitas, dos quaes só o do Porto e Vianna foram a effeito, e o terceiro, que era o de Thomar, estava apenas em projecto, com grandes ancias de que se realisasse por parte dos moradores d'aquella villa, não poudo o mencionado conselho recusar a permissão, desde que se desistiu de estabelecer o convento em Thomar. Deu isto logar a delongas assaz enfadonhas e embaraçosas, as quaes são sempre companheiras inseparaveis de todas as grandes obras, e muito em particular, d'aquellas que são do serviço de Deus.

Removidos os estorvos foi nomeado para Prelado da nova fundação Frei Thomaz de S. Cyrillo, em quem concorriam as forças e o talento, que eram mister, para o adiantamento da profissão eremitica; e com elle vieram para a fundação Frei João Baptista, e o irmão Alberto da Virgem. Elles se pozeram a caminho com a bagagem necessaria, que era o breviario, uma manta para cada um, uma canastra de sardinhas e dez crusados em dinheiro. Com este fundo se ia levantar a casa e mais edificios do ermo do Bussaco, que ainda hoje está bem patente, sendo visitado por nacionaes e estrangeiros.

Inutil é fazer a descripção d'esta pinturesca serra, que tantas pènnas distinctas tem illustrado, mais ainda nos nossos tempos do que nos passados, porque n'esses a sua mais esplendorosa belleza e o seu mais apreciado thesouro, superior á pujança do arvoredos, á finura dos marmores, á opulencia das flôres era a congregação eremitica que a habitava, onde com animo resolutos se procurava a perfeição da vida religiosa, e pelas mais severas penitencias os seus moradores expiavam menos as proprias culpas, que não precisavam de tanto, do que as alheias, que são sempre a faltar, aplacando d'est'arte a ira divina, que infelizmente só depara transgressões para punir, e poucas razões para exercer a misericordia, que não é attributo exclusivo de Deus, quando separado da sua eterna justiça.

Aos tres fundadores, que deixamos mencionados pelos seus nomes, se reuniram em breve outros tres, cujos nomes não são menos illustres nos annaes do Busaco e nos mais admiraveis ainda da predestinação, e foram: Frei Antonio do Espirito Santo, de Alvaiazere, Frei Bento dos Martyres, de Pombeiro, e o irmão Antonio das Chagas, official de alvenaria. Não podendo residir no alto da serra em quanto não havia algum abrigo, estavam em uma pobre cabana no logar do Luzo no pendor da montanha, d'onde todos os dias, e guardando sempre a mais rigorosa abstinencia, iam ao local, onde trabalhavam com os operarios para a construcção do convento no sitio, onde ainda hoje está, em uma planura inferior ao alto da serra, que se chama a cruz alta, que já lá existia quando os carmelitas foram empossados d'este bellissimo e solitario ermo.

Apenas as circumstancias o permittiram, para evitar continuas subidas e descidas ao logar do Luzo o Prior, lançada a primeira pedra ao alicerce da egre-



ja, ordenou que se armasse um oratorio e preparou seis cellas, cobertas de telha vã, e separadas por esteiras para abrigo dos religiosos, que de mais não precisavam, sem embargo da altura e aspereza do lugar, porque n'essa humilde morada só reinava o luto, e não tinha outro destino senão para occultar as lagrimas, que de continuo derramavam pelos soffrimentos de Nosso Senhor Jesus Christo e pelas continuadas culpas dos homens, que estão sempre avivando as feridas, por onde se verte o seu precioso sangue.

Com dez cruzados em dinheiro apenas appareceram na serra os pobres fundadores, e dentro de um anno já tudo se achava prompto, tendo-se consumido 10:332 crusados ou 4:1325800 réis; assim se fazem as obras que Deus abençôa, e para esta foram instrumentos da sua divina vontade o illustriissimo Bispo Conde, o marquez de Gouvea, o lente de prima de theologia D. André de Alnada, o vigario de S. Vicente de Sangelhos, com sua irmã e outros grandes bemfeitores, a que depois se juntaram outros em diversas epochas, avantajando-se a todos os successores do senhor D. João Manoel, taes os illustres Bispos de Coimbra D. João Mendès de Tavora, D. Manoel de Saldanha e D. João de Mello. Sempre os senhores Bispos de Coimbra foram muito devotos dos Carmelitas descalços de Santa Cruz do Bussaco, como ainda o seria o actual, o Excellentissimo Senhor D. Manoel Correia de Bastos Pina, se tivesse ainda a fortuna de possuir dentro dos limites de sua carissima diocese esse valioso brilhante, de pezados quilates, que foi arrancado á sua mitra prelatia, deixando-a desamparada do poderoso auxilio que lhe prestava o clero regular para o desempenho da sua espinhosa missão de pastorear uma porção de grei de Jesus Christo, para o que não basta o animo mais varonil e esforçado, porque não chegam a tanto

os alentos de um só homem, nem tanto podem abranger os seus braços.

Hoje, que o Bussaco está despovoado dos seus habitadores e proprietários, ainda se experimenta uma sensação de profundo recolhimento quando se percorre essa espessa matta, no centro da qual se acha o humilde cenobio, ençotrando-se disseminadas diversas ermidas, onde os carmelitas, não satisfeitos com a vida rigorosa, que passavam em commum, se entregavam voluntariamente e durante o tempo que o Prelado concedia, a penitencias extraordinarias e quasi incompreensíveis. Esse admiravel monumento de piedade, e de grandeza natural, teria passado pela mesma sorte de todos ou quasi todos os edificios religiosos do paiz, se na epoca do vandalismo lhe não tivessem acudido pessoas importantes na politica, que residiam em Coimbra, e a quem compungia a alma vêr não só expulsos os moradores, mas arrasada a sua humilde habitação, e devastada a magestosa matta, de pouco valendo a sentença de excommunhão, fulminada por Urbano VIII e publicada em 1690 pelo Bispo de Coimbra, que ainda se vê esculpida em um dos muros da cerca. Para guardar esta riqueza reside permanente em uma casa pertença do ermiterio um destacamento de infantaria, e não só guarda o monumento religioso, que attesta a piedade e devoção das gerações, que desappareceram ha muito, mas tambem outro monumento honroso para a nação, aquelle que aponta ao visitante o logar, onde se feriu uma grande batalha entre portuguezes e inglezes contr as tropas aguerridas do Heroe das Pyramides e de Austerlitz.

Duplo padrão de gloria e abnegação; de um lado a memoria dos valentes, que se sacrificáram pela fé, se souberam vencer e se votáram ao exercicio das mais heroicas virtudes, luctando corajosamente contra as

paixões, sopeando-as e aniquilando-as denodadamente; pela outra parte a lapide commemorativa d'aquelles que pela patria derramáram o seu sangue, não trepidando ante o pavor que infunde a morte vomitada pela bôca das espingardas, pelos canhões e pelos morteiros. Ambos esses grupos de combatentes têm as frentes ornadas de louros immarcessiveis; ambos cumpriram dignamente o seu dever, quer aquelles que cobriam a sua nudez com o aspero borel, que lhe dilacerava as carnes, quer os outros que ostentavam fardas agaloadas; tanto os que tinham por armadura o cilicio e as disciplinas, com as quaes maceravam a rebellião do corpo, como os que cingiam a espada, levavam ao hombro o arcabuz ou empunhavam o armão da peça, e com estes instrumentos de morte se defendiam e aggre diam os invasores, que vinham insultar a honra da patria.

Mas estes combateram um dia; e no meio da atmospherá escaldada pela polvora, ao som das marchas triumphaes, ao sentir o ribombo do canhão, eram impellidos por uma força irresistivel, que dominava todos os seus sentidos, e actuava energicamente sobre as potencias d'alma; aquelles no silencio do cenobio ou no isolamento do eremiterio, sem incentivo algum, concentrados em si mesmos, sem esperanza de gloria mundana, sem pensarem sequer se os seus nomes seriam conhecidos, abençoados ou aborridos, sem ambições nem futuro nos limites do tempo e da terra, combateram não um dia, não uma semana, um mez ou um anno, mas a vida inteira, condemnando-se á segregação absoluta do mundo, á privação de todos os confortos e de todas as vaidades, e limitando os seus anhelos sobre a terra a que aos seus restos exanimés se concedessem apenas alguns palmos de terra, nada mais precisando, porque até a pobre mortalha já a traziam em vida, e se o corpo se não molestára com a rudeza da estame-

nha quando tinha sensibilidade, não carecia de mais delicado estofa quando baixasse ao sepulchro.

A historia do eremiterio do Bussaco é uma epopêa, mas n'ella tudo é sympathico e brilhante, tudo é santo e justo, tudo admiravel e miraculoso.

Quando pela calada da noite a machina adaptada a um grande sino fazia chocar contra o bronze os pesados martellos de ferro, que echoávam em todos os recessos da montanha, todos os monges se levantavam dos miserabatos, que não convi lavam ás doçuras do somno; e esses sons despertavam os solitarios nos seus hospicios ou grutas, para que entoassem os canticos de louvor e saltassem os ais da penitencia em honra do Supremo Creador de todas as cousas, cuja immensa magestade mais do que ninguem elles podiam apreciar, já pelo prolongado meditar e pela visão interior, que sempre acompanha a oração fervorosa, já pela immensidade da floresta, pela solidão pavorosa, em que estavam engolphados, pelo espectaculo maravilhoso da abobada celeste, pelo medonho ribombo do trovão n'aquella região das nuvens, pelo sibilo dos ventos impetuosos, pela sublimidade das tempestades, pelo longiquo estampido do Oceano, pelo mysterioso das noites e pela esplendida formosura da alvorada.

O numero dos religiosos que moram n'este deserto não pode exceder a vinte e quatro, e d'estes apenas seis podem ser permanentes ou perpetuos; ficando reservados os outros dezoito logares para aquelles que obtem permissão por um anno para vir habital-o; pois nenhum é para alli mandado, mas é a requerimento do religioso, dirigido ao provincial, que se lhe concede aquella residencia como premio e favor; pois para merecer essa graça é mister ser religioso de grande reputação e santidade e nunca d'aquelles que tenham qualquer nota ou hajam passado em outros mosteiros por

castigos. Resulta d'aqui que os moradores d'este santo deserto são sempre sujeitos de primeira escolha, e por assim dizer os mais perfeitos entre os que o são muito. Quando algum religioso vem habitar o deserto apresenta-se ao porteiro do exterior com a sua patente. E' conduzido ao porteiro de dentro, e este leva a patente ao Prior, que manda admittir o novo subdito e irmão, mas antes de ser introduzido na clausura o porteiro lhe faz a seguinte advertencia:

«Esta casa é de silencio; e assim qualquer que vier a ella o hade procurar guardar com interesse, accommodando-se a fazer o que vir fazer aos mais, não trazendo novas sem proveito.»

Inteirado da sua obrigação, o porteiro introduz o recém-chegado na egreja, onde ora alguns minutos. Vae depois á cella do Prior, que o abraça; e em seguida tange-se o sino e reúne-se a communitade, que se põe em oração, para que Nosso Senhor illumine o novo companheiro; finda esta supplica, o Prior reza outra oração e dirige ao novo conventual algumas advertencias. Todos os religiosos o abraçam e desde esse momento fica pertencendo á communitade, e concedido o descanso de vinte e quatro horas, entra no exercicio quotidiano como os outros eremitões.

Esta recepção é desprovida de apparatus e ceremonias, mas é santa e patriarchal. O novo solitario recebe de seus irmãos o agasalho compativel com o preceito inviolavel do silencio, e por isso não passa além de um abraço, que indica a fraternidade. Tanto aquelle como estes são homens experimentados na oração e na meditação, cujo desengano das coisas mundanas é absoluto, e por isso são esclarecidos por luzes sobrenaturaes, que se tornam cada vez mais fulgidas pela segregação dos homens, pelas dilatadas vigalias, severas penitencias, abstinencia continua e perseverante, e

flagellação a miudo. O eremita não pensa senão nos bens celestes, pouco lhe importa a refeição corporea se tiver, que farte, a espiritual; e essa a tem em larga abundancia. As oito horas de exercicio quotidiano com a communidade e o resto do tempo para estudo e meditação; a Via Sacra do Horto ao Pretorio, com os passos do Divino Relempor, e os que se seguem até ao Calvario, que se acham espalhados e distanciados na matta, desde o sobpé até á Cruz alta, e todas as circumstancias que concorrem e convergem n'este ermo abençoado; tudo contribue para que os seus moradores atinjam um grau alevantado de perfeição e na sciencia do céu saibam mais em poucos dias do que os muitos eruditos em uma vida inteira passada no estudo.

Não admira, pois, que ali passassem os moradores perpetuos uma vida angelica, em continua conversa com Deus e com os espiritos celestes; e que os penitentes temporarios d'ali sahisses purificados e saudosos de tão suave e santo viver.

Quantos gemidos, quantos ais, quantas expansões se soltaram durante duzentos annos aos pés d'essa cruz, elevada no pincaro da montanha, d'esses passos symbolicos da paixão de Jesus Christo, d'esses cedros alterosos que se erguem até ás nuvens, d'essas fontes d'onde mana a agua que nunca sécca e sacia a sêde mais devoradora, d'essas penhas, que não podiam ser insensiveis a fogos tão ardentes! Quem poleria contar as angustias dos ultimos e desventurados moradores do ermo, que extranhos ás luctas, em que se resolviam as preferencias entre dois irmãos, se debatiam ambições de mando, e tumultuavam as paixões de dois partidos, e orando fervorosamente pela paz e pela salvação de todos, foram violentamente expulsos, desterrados e expoliados, privando-os da unica coisa que possuiam, uma pobre tunica de estamenha, um leito de cortiça e uma

manta de borel! Se para todos os monges, que em 1834 existiam em Portugal, não podia haver golpe mais doloroso nem injustiça mais flagrante do que essa, que lhes fizera um acto despotico e cruel, para os moradores do Bussaco seria ella, por sem duvida, mais acerba e afflictiva do que a morte mesma; esta houvera sido a corôa gloriosa de prolongados e bons trabalhos, e alvo dos mais intimos anhelos; a expulsão foi a privação das delicias do paraizo, de que eram expoliados sem culpa, sem processo, sem piedade

O Bussaco foi visitado enquanto povoado pelos eremitas do Carmo por personagens da mais alta distincção. Em 1704, a 24 de agosto, visitara-o El-Rei o Senhor D. Pedro II, que ficou maravilhado do que via do sitio e dos moradores.

Depois da expulsão dos legitimos proprietarios d'aquella floresta, o Bussaco tornou-se uma tapada, onde se fazem partidas, diversões e passeios continuamente. Ha poucos annos residira ahi, mas só alguns dias, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia com seus augustos filhos Demorou-se menos do que tencionava a Excelsa Princeza. Parece que lastimava, mas em vão, por mais não poder, que estivesse aquella devota mansão usurpada aos proprietarios, injustamente esbulhados. Tempos são taes os que correm, em que o titulo não corresponde ao que significa, estando a dignidade em uma cabeça e o poder em outra, empregando-se ficções, que, por isso mesmo, não podem ter solidez e realidade. Talvez que Sua Magestade, tão illustrada como piedosa, tivesse lido, ou lesse então, o decreto de Gregorio xv, de 23 de julho de 1622, nunca revogado nem alterado, em que se fulmina excommunhão maior ás pessoas do sexo feminino que ousassem transpôr os muros do recinto consagrado á oração d'estes eremitas.

E se bem o sangue real, que lhe gira nas veias

---

lhe conceda privilegios excepcionaes, e a profanação do local torne inefficaz a resolução pontificia, não é proprio de personagens, tão eminentemente collocados, dar demonstrações de desacatamento a preceitos da primeira auctoridade que ha na terra, cujo menosprezo reflecte necessariamente sobre auctoridade menòs justificadamente estabelecida, e muito mais contestavel em todos os tempos e com especialidade nos que vão correndo, infestos para a distincção de nascimento e classes, para tudo quanto seja auctoridade e predominio.

Desde as *Soledades do Bussaco* de D. Bernarda Ferreira de Lacerda até ás *Memorias do Bussaco*, do Doutor Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, tem esta montanha sido celebrada em prosa e verso por muitos e distinctos escriptores. A collecção do que sobre ella existe publicado fórma uma curiosa e interessante bibliotheca, que é tão instructiva como piedosa. Em particular sobre os varões illustres que ahi floresceram abunda o *Agiologio Lusitano*, de D. Antonio Caetano de Sousa, sem embargo de estar incompleto este valioso trabalho.

---



## CAPITULO X

Christo confixus sum cruci. Vivo autem, jam non ego; vivit verò in me Christus.

GAL. II. 19 e 20.

### SUMMARIO:

Desmoralisação do seculo decimo oitavo. A casa de França. Luiza Maria, Princesa de França. Entra no convento das Carmelitas de S. Diuiz. Surpreza causada pela sua resolução. Passos que dá para obter a auctorisação de seu pai, o Rei Luiz XV. Concessão d'este monarcha. Entrevista da Princesa com o Superior das Carmelitas. Recepção solemne do veu do noviciado. Profissão. Passa a ser mestra de noviças. E' eleita priora. O Rei vai felicitá-la. Visita a o Rei da Suecia. Falecimento d'esta virtuosa carmelita. Triste situação da sua familia poucos annos depois da sua morte. O carmelita portuguez João da Neiva. Amor ardente de Santa Thereza e das suas filhas. Missão gloriosa da Igreja. O futuro pertence-lhe, porque é eterna.



**O** SECULO decimo oitavo no seu decurso preparára as tremendas catastrophes, que assignalaram o seu occaso. O espirito de rebellião que surge na Allemanha duzentos annos antes, pouco a pouco foi minando as instituições em toda a parte, e n'esse seculo de Voltaire, elle dominára soberanamente. Quando os estados geraes se reuniam em França, a revolução estava consummada, e a convenção vindo decepar a cabeça do Rei nada mais fez do que pôr o remate á obra de destruição, que lenta, mas perseverantemente se preparára nos annos que precederam. A casa de França precipitára os acontecimentos por actos pessoas dos seus chefes, que concitavam a colera celeste contra a nação e o governo, que apresentava os mais perniciosos exem-

plos. Era em vão que muitos membros da familia real offerciam um contraste consolador de moralidade e devoção, que ainda mais fazia sobresahir a desordem moral que reinava na côrte. A rainha Maria Leczinska, esposa de Luiz xv, suas augustas filhas e o Delphim, herdeiro do throno, e pae do infeliz Luiz xvi eram os mais bellos molelos da virtude e da caridade, e resgatavam pelo seu proceler admiravel o funesto comportamento do chefe do estado, que fôra elucado na escola desmoralisadora do duque regento. Mas esses actos, dignos dos augustos personagens que os praticavam, nem desarmavam a ira de Deus, nem impedião o impeto da torrente da impiedade que ameaçava subverter tudo, e levar a ruina e a desolação a todos os recantos da nação.

Esse seculo de descrença, quando já ia no pendor para a irrupção das sangrentas catastrophes, que preparara cuidadosa e systematicamente, vinha offercer um d'esses exemplares de santidade já alheios á epoca, em que florescia, que espadanam jorros de luz, os quaes esclarecem o mundo e consolam as almas. Esse assombro de virtude e abnegação ia minifestar-se entre as filhas de Santa Thereza, e a protogonista era uma princeza, que nascêra nos degraus do throno de França a 15 de julho de 1737, filha do rei Luiz xv e de sua piedosa esposa a Rainha Maria de Polonia.

Em pleno reinado dos encyclopedistas, e no meio da atmospherã zombeteira do philosopho de Farney, quando o vento alusto da descrença esterilisava todos os espiritos, e se mofava das coisas mais altas e mais santas, correspondendo a moral a essa fonte pestifera da ausencia da fé, ia uma filha de França, como derradeiro clarão da piedade da excelsa descendencia de S. Luiz, descer os degraus do solio real, e encerrar-se na humildade do claustro carmelita de S. Diniz, para ahi

presencear a entrada solemne nas catacumbas funera-  
rias dos reis de França do derradeiro representante  
d'essa dynastia proclara, que durante tantos seculos oc-  
cupára o mais esplendido throno do mundo.

Era a 11 de abril de 1770, que á porta da Egreja  
das carmelitas do pobrissimo convento de S. Deniz  
se apeava de soberba carruagem uma senhora da mais  
illustre linhagem, acompanhada da sua comitiva. Essa  
senhora era a filha do rei de França, Luiza Maria,  
que vinha renovar, por meio de sacrificios, os admira-  
veis exemplos de Santa Clotilde, de Santa Joanna de  
Valois, e de outros grandes santos da sua nobilissima  
e inclyta estirpe.

As humildes carmelitas, recebendo esta visita ines-  
perada, ficaram sobressaltadas, ignorando o ceremonial  
com que deviam receber uma hospeda d'esta altissima  
posição. A princeza pede para entrar no convento, pa-  
ra assistir á missa, que ia dizer-se. Abre-se a portaria,  
e a neta de S. Luiz dirigindo-se á prioriza, que esta-  
va rodeada da pequena comunidade, diz-lhe as se-  
guintes palavras :

«Parece-me muita pequena a vossa comunidade.»

«Sim, minha senhora, responde a religiosa; ha  
para isso uma razão.»

«Qual?»

«Somos muito pobres.»

«Tendes algumas noviças?»

«Nenhuma, minha senhora, ha já alguns annos.»

«E postulantes?»

«Temos duas.»

«Que idade tem?»

«Uma é muito nova; a outra tem quarenta an-  
nos e lhes está assignado o dia de hoje para se apre-  
sentarem.»

«Muito bem. Eu quizera, pelo amor que consagro

ás Carmelitas, que a minha visita vos fosse agradavel.»

«E' para nós, senhora, grande honra a visita que Vossa Alteza nos faz.»

«Deveis confiar que se apresentarão outras postulantes, e que a vossa casa se restabelecerá.»

«Minha Senhora, em meio das difficuldades com que luctamos, nunca desesperamos da Divina Providencia.»

«Tendes razão, disse a princeza; é admiravel essa providencia para aquelles que n'ella confiam. Porém, minhas senhoras, está chegada a hora da vossa missa, e eu vim de proposito para oavil-a convosco. Peço-vos que não haja desarranjo algum e que prosigaes nas vossas ceremonias e usos, sem pensardes em mim, senão para encommenlar-me a Deus. Rogo áquellas de entre vós que tiverdes a fortuna de commungar n'esta missa, que o façaes por minha intenção».

Seguiu-se o Santo Sacrificio, e acabado elle, permaneceu em oração ante o Santissimo Sacramento a piedosa princeza. Então o superior, tendo reunido á portaria a comunidade, annuncia-lhes que a princeza resolvera não tornar mais a sahir do convento, e que se decidira a professar na Ordem de Santa Thereza.

O espanto é geral nas religiosas, e algumas chegam a duvidar da affirmação, que se lhes fazia, tão extraordinario era o acontecimento, para que ellas não tinham a menor preparação; mas o superior novamente confirma o que dissera, e acrescenta que a augusta postulante nada mais queria do que envergar o aspero saial das carmelitas, aceitar a regra sem a menor mitigação, e ser tratada como qualquer outra subdita. Para que ella seguisse esta heroica vocação, lhe concedera a permissão seu excelso pae, e nenhum obstaculo occorrendo, a sua resolução era inabalavel. A priora e as religiosas não sahiram do seu assombro se-

não debulhando-se em lagrimas, e levantando as mãos para o Auctor de todas as graças e de todas as santas resoluções.

As religiosas encaminham-se encorporadas para o côro onde a Princeza orava. Vendo-as entrar, levanta-se e pondo-se de joelhos diante da Prioreza, que pela sua parte tambem ajoelha com todas as freiras, endereça-lhes com voz firme e resoluta as seguintes palavras :

«Senhoras, venho supplicar-vos que me admittaes no vosso gremio, e que me olheis como irmã vossa; rogo-vos que esqueçaes o que eu fui no mundo, e que oréis a Deus pelo Rei e por mim. Ardentemente desejo ser Carmelita, e, com o favor de Deus, e com o auxilio das vossas orações, procurarei ser uma boa Carmelita.»

A augusta postulante levanta-se e percorrendo uma a uma as religiosas, que se conservavam prostradas em terra, ergue-as e abraça-as; mas todas e cada uma estavam banhadas em lagrimas; só a real candidata conservava o rosto enxuto, tão firme era a sua vontade, resoluta o seu animo. «Que é isto, minhas senhoras, sou eu que vos promovo essa torrente de lagrimas?» Então aproximando-se da grade e vendo o Superior, que não podera dominar a sua commoção, diz-lhe: «Tambem vós, 'senhor Superior?» Dirigindo-se ao locutorio despediu-se da sua dama de honôr e dos fidalgos seus camaristas, entregando-lhes as cartas que, por despedida, dirigia a suas irmãs.

A França inteira ficou pasmada de uma semelhante resolução, e o Papa mesmo, que era então Clemente XIV, escreveu á exce!sa dama, dizendo-lhe que um tal acontecimento era o maior do seu pontificado.

A resolução heroica que a Princeza Luiza tomara fôï precedida de longa e meditada preparação. Nascida

no meio dos esplendores da côrte, habitando essa sumptuosa morada de Versailles, tomara ella parte nos festins da côrte; era energica e activa, montava a cavallo com a maior elegancia e animava-se nas partidas de caça; todavia, desde muitos annos, ella se preparava para este passo, que é tão largo como arriscado. A recente profissão da joven viuva a condessa de Rупelmonde, brilhante dama na côrte, a qual tambem se fizera carmelita no mosteiro da rua de Grenelle, com assombro de toda a sociedade parisiense, o aturado estudo que fizera da regra da Santa Thereza, e a sentida morte da Rainha sua mãe, tinham fixado a sua resolução, que só podia ficar frustrada pela recusa formal do Rei, seu pae. Este amava ternamente seus filhos, mas em particular a sua dulcissima Luiza, e não era de esperar que elle consentisse em vel-a encerrar dentro dos muros nus de um cenobio de Carmelitas. Não se atrevia a carinhosa filha a fallar em similhante coisa ao Rei, embora elle fosse por sentimento naturalmente religioso; mas tendo consultado o arcebispo de Paris, Monsenhor de Beaumont, este se incumbiu de uma missão tão delicada.

Procurando o Rei, o Prelado lhe diz o seguinte: «Senhor, estou encarregado de communicar a Vossa Magestade uma noticia, que sem duvida Vossa Magestade receberá com o sentimento da sua profunda religião. A Princeza Luiza, apoz longas e sérias provas, reconheceu que Deus a chamava á vida religiosa e espera que Vossa Magestade lhe conceda a permissão de seguir a sua vocação.»

O Rei ficou enleado e voltando-se para o Prelado lhe diz: «E' essa a noticia que me trazeis, e sois vós, Senhor Arcebispo, o portador d'ella?» E encostando-se, exclamou: «Oh! isso é cruel, é desgraçado!» E ficando silencioso por alguns momentos, continuou: «To-

davia, Senhor Arcebispo, se é Deus que reclama de mim esse sacrificio, não deverei recusar-lh'o! Eu responderei dentro de quinze dias.»

Então o Prelado acrescentou que a Princeza escolhera a Ordem das Carmelitas, mas que accetteria outra qualquer Ordem, que fosse da vontade de Sua Magestade.

Decorridos os quinze dias, a 20 de fevereiro de 1770, Luiz xv escrevia a seguinte resposta:

«Minha querida filha. Deu-me conta o Arcebispo do que lhe dissestes e encarregastes, e elle vos terá referido exactamente qual foi a minha resposta. Se Deus o quer, não posso oppôr-me á sua vontade e á vossa determinação. Ha dezoito annos que tereis reflectido attentamente, e por isso não vos peço mais delongas; e até parece que tendes tudo disposto, pelo que podeis fallar a vossas irmãs, quando vos aprouver.

Com excepção de Compiègne podeis escolher convento em qualquer parte; e Deus me livre de vos prescrever qualquer cousa a semelhante respeito. Eu tenho feito sacrificios, violentado; esse, que ides fazer, será voluntario; pelo vosso lado. Que Deus vos dê alentos para sustentardes o vosso novo estado; porque, dado o passo não ha que recuar. Abraço-vos, querida filha, e do fundo do coração vos abençôo.

*Luiz.»*

Apenas a egregia princeza recebeu a carta de seu pae, abundante pranto lhe banhou o rosto, e de joelhos aos pés do seu crucifixo rendeu graças ao Todo Poderoso pela mercê singular, que recebia. E logo mandou recado ao Padre Bertin, Superior do convento de S.

Deniz, para vir fallar-lhe. A princeza não conhecia o mosteiro, e só sabia que estava extremamente pobre e que era muito regular na observancia.

Chegado o superior, communicou-lhe sua resolução a augusta postulante. O assombro do religioso foi equivalente á sublimidade do proposito. Não sabia da sua admiração, e receou que houvesse aqui uma deliberação pouco madura; e dominado por este pensamento, ousou travar um dialogo com a real interlocutora.

«Senhora, o projecto que Vossa Alteza me comunica, envolve consequencias de tal ordem, que precisa ser amadurecido por longas e serias reflexões, disse o Superior.»

«Sou da vossa opinião, senhor Superior, respondeu a Princeza; mas ha dezoito annos que faço essas reflexões, e a minha vocação para a vida religiosa é decidida, não tendo variado um só momento, durante todo este tempo.»

«Depois de tão longa prova, tem Vossa Alteza todas as probabilidades de ser segura a sua vocação; mas não me atreverei eu a resolver, sem me aconselhar, ácerca de um passo tão serio, como o de Vossa Alteza, que vae fazer tanto barulho no mundo.

«Não recieis nada, senhor, o meu plano mereceu a approvação d'aquelles que tem occupado para comigo o lugar de Deus; assente a elle o meu primeiro pastor, o senhor Arcebispo; os meus bellos dias estão passando; já nada me resta a deliberar; tenho só a dar execução ao que reflectidamente assentei.

«Confesso que Vossa Alteza pode olhar como legitimos interpretes da divina vontade os homens esclarecidos e virtuosos, que dirigem a sua consciencia; e convenho que o parecer do Senhor Arcebispo é de grande peso para não deixar duvidas, quanto á vocação de



Vossa Alteza; mas para realizar um acto d'estes ha uma cousa que é de todo o ponto indispensavel; é o consentimento do Rei.»

«Já o tenho, senhor Superior; abrolham-me as lagrimas quando penso no sacrificio que meu Pae fizera; mas a religião triumphou no seu coração contra o seu affecto. Consente que eu seja Carmelita, e que vá para onde quizer, excepto para Compiègne; e por isso escolho S. Deniz.»

«Vossa Alteza pôde ter uma verdadeira vocação religiosa, sem ser chama-la a arrostar a vida extraordinariamente rigorosa das Carmelitas. Vossa Alteza poderia optar pela Ordem menos austera das Benedictinas, que lhe é muito conhecida.»

«E' exacto, senhor Superior; não vos occultarei até que patenteei á Senhora de Soulanges o meu gosto pelo estado religioso; mas fiz-lhe ver, e ella conveio commigo, que attenta a minha amisade por ella, alguma cousa de humano interviria no meu sacrificio, se eu entrasse na Ordem, a que ella pertence. E como além d'isto eu não me faço religiosa para mandar, mas para obedecer toda a minha vida, e tratar da minha salvação, ser-me-ia penoso expôr-me ao embaraço de recusar abbadias ou á tentação de acetal-as.»

«Mas sem escolher uma Ordem, onde ha cargos de grande apparatus, Vossa Alteza poderia optar por alguma, cujo regimen fosse menos austero, e mais acomodado á delicadeza do seu temperamento, e ao modo de vida seguido até agora; porque, minha Senhora, da côrte ao Carmelo a distancia é enorme.»

«Sei isso, senhor Superior; e attendendo á debilidade da minha saude, lembrar-me-ia de entrar na Ordem de S. Francisco de Salles, se nó instituto não fosse inclusa a instrucção da mocidade, para o que não me julgo capaz; mas, quando Deus nos chama, não

deveremos antes contar com as suas graças do que com as forças próprias? Tenho aqui pouca saúde, e não causará estranheza que não a tenha melhor nas Carmelitas.»

«Mas, minha Senhora, a Ordem Carmelitana é tão severa! o jejum é quasi durante todo o anno; come-se sempre de magro, e tudo sem adubos; a solidão, completa; a obediencia, sem restricções; a oração e o trabalho, continuos!

«Sei tudo isso, e o mais que não dizeis. Com muito vagar tenho meditado as constituições de Santa Thereza; e espero que Deus me fará a mercê de poder pratical-as. Já de proposito fiz ensaios, que me animam; e demais, terei ainda, para fortalecer-me, o tempo do noviciado, o qual, manda o Rei, que seja para mim tres mezes mais longo do que o é para as outras.

«Comprehendo perfeitamente que Vossa Alteza está deliberada a fazer-se filha de Santa Thereza. Mas consentirá Vossa Alteza que eu lhe faça ainda algumas reflexões sobre a casa escolhida? Na minha qualidade de Superior, conheço-a melhor do que ninguem. Essa casa, quanto a edificio, não offerece as vantagens de outras da mesma Ordem; e quanto ao temporal, a sua miseria é extrema.»

«Tanto melhor, senhor Superior, ser-me-ha agradavel prestar-lhe algum auxilio; e, á mingoa de grandes virtudes, posso ao menos levar-lhe a benevolencia que o Rei tem para commigo.»

«Ainda não basta, Senhora; essa casa, que é a mais pobre, que existe em França, é ao mesmo tempo a de maior austeridade. Não só se cumprem escrupulosamente as Constituições da Ordem, mas são de costume ahi outras piedosas observancias, que são privativas d'esse mosteiro, e de que as religiosas não se dis-

pensam. N'uma palavra chamam a S. Deniz—*a Trappa do Carmelo.*»

«Tanto melhor, senhor Superior, porque todo o meu recceio, desde que penso em fazer-me religiosa, tem sido de entrar em casa que fosse relaxada, e dou graças á Providencia por me deparar S. Denis, correspondendo aos meus desejos; foi, por sem duvida, o meu bom Anjo, que me suggeriu a escolha.»

«Não posso já duvidar que a vocação de Vossa Alteza desce do ceu; julgar-me-ei feliz se poder ser util em alguma coisa no passo, que Vossa Alteza vai dar; começarei por observar-lhe que é indispensavel para que possamos abrir a Vossa Alteza as portas do mosteiro, que tenhamos por escripto' o consentimento do Rei.»

«Esse novo pedido, feito ao Rei, vae renovar a sua dôr; não seria sufficiente o consentimento, que elle me deu, e que é incapaz de revogar?»

«Não, minha Senhora, isso não basta, para que fiquemos ao abrigo de qualquer censura; nós exigimos sempre das postulantes o consentimento escripto de seus paes; veja Vossa Alteza se poderemos prescindir de tão prudente precaução, quando se trata da Filha do Rei.»

«Muito bem, senhor Superior, já que esse consentimento escripto é indispensavel, eu não me apresentarei em S. Denis sem o levar commigo.»

Assim finalizou esta entrevista tão importante, quanto commovente. A 5 d'abril o Rei dava por escripto o consentimento para que sua Filha, a Princeza Luiza, se fizesse Carmelita, e a 11 a excelsa Postulante abandonava para sempre os sumptuosos paços de Versailles pelas agruras do claustro carmelita!

Antes que a Princeza passasse ao noviciado esteve tres mezes como postulante, tempo de primeira prova,

em que se occupa o derradeiro logar na commuidade. Não quiz ella dispensar-se de cousa alguma, de varrer, esfregar, trabalhar na cosinha, finalmente dos misteres mais rudos e humildes. Quando viu que a Prioriza lhe preparava alguma mitigação, já no leito, no refeitório, no serviço, humildemente pedia a dispensa de qualquer distincção, e tanto á Superiora como a suas Irmãs só pedia que se esquecessem completamente de quem ella era. Quando lhe diziam que uma postulante vestida de riquissimas sedas, como ella trazia, não podia occupar-se de officios que as manchassem, porque essa seda podia servir para cousas do serviço divino, logo prometia de as depôr e tomar vestidos de menos valia o que fez, mandando-os vir do palacio.

Foi a 10 de setembro de 1770 que a excelsa pretendente tomou o habito das Carmelitas. Clemente XIV, que então presidia á Igreja de Deus, quiz que em seu nome o Nuncio fizesse a solemne cerimonia com o maximo esplendor; de manhã o Enviado do Supremo Hierarcha celebrou em S. Diniz, commungando a Princeza. A's tres horas da tarde, do mesmo dia, estando a Igreja, sumptuosamente armada, segundo as ordens do Rei, chega ao mosteiro, Sua Alteza a Delphina, a infeliz Maria Antonicta d'Austria, seguida de toda a côrte; e conjuntamente grande numero de Bispos, n'esse tempo em Pariz, para uma assemblea ecclesiastica. O serviço era desempenhado no recinto da povoação pela guarda real. A Princeza estava elegante e riquissimamente vestida, coberta de brilhantes, com um diadema na cabeça, e em todo o esplendor da sua elevada cathegoria e do fausto da côrte.

O silencio era profundo; apenas a Delphina entrou e com toda aquella pompa de galla se apresentou a egregia noviça. Então o Bispo de Troyes sobe ao pultito, e pronuncia um discurso, em que os raptos da

eloquencia eram abafados pela commoção, que lhe embargava a voz, e pelo pranto que derramava o auditorio. Ninguém podia ser superior a esta scena tocante, em que tomavam parte os affectos mais elevados do coração. Só a Princeza se conservava immovel e insensivel. Quando lhe dirigiram as palavras do ritual, a que ella devia responder, que iam ligal-a para sempre, as suas respostas foram firmes e assentuadas. Pronunciadas ellas sem que seus labios tremessem, retirou-se para ir depôr todas as pompas e vestir o pobre e rude habito do Carmelo. Pouco depois appareceu n'esta transformação aquella que momentos antes arrastava o chlamyde roçagante da purpura real.

A piedosa Noviça adianta-se para a futura Rainha de França, e posta de joelhos, recebe das suas mãos o véo, e o manto carmelitano, ensopado nas lagrimas da augusta ministrante.

Em seguida, prostrada em terra e coberta com o aspero borel de Santa Thereza, a Princeza, que apenas havia alguns minutos ostentava todas as grandezas do mundo, as maiores que ella conhece, estava aniquilada e assistindo ás suas proprias exequias. Era o mais formidavel contraste; e poderia haver coração tão empedernido que não se sentisse sacudido pela violentissima commoção d'este spectaculo?

Não podia ser; e os circumstantes todos, essa côrte ostentosa e frivola do ultimo Rei de França, que não passou pelo baptismo de sangue do martyrio, ou pelas agruras do exilio, estava aniquilada diante da magestade d'este acto da religião catholica, mais grandioso do que tudo quanto a imaginação mais fecunda póde idear.

Acabára a cerimonia solemne. A Princeza Luiza Maria de França fôra eliminada do numero dos vivos; ficava em vez d'ella a Irmã Thereza de Santo Agosti-

nho. A Seraphina do Carmelo prestava-lhe o seu nome, e exornava-o como appellido a Aguia alterosa de Hippona. Estes dois nomes valiam bem os que deixava, embora esses nomes representassem uma dynastia dez vezes secular de Reis e entre estes grandes vultos historicos, e acima de todos o Heroe das crusadas, que circundado dos seus Barões assaltou Tyro e Cesarêa, e exhalou o espirito no meio dos areas d'Africa junto ás ruinas de Carthago, monumentó immorredouro da inanidade das maiores granlezas da terra.

Terminalo o anno de noviciado, Soror Thereza teve dez dias de retiro espirital, findo o qual pronunciou os votos solemnes irrevogaveis na presença do Arcebispo de Pariz. Foi o dia de felicidade para a piedosa Mãe. N'esse dia ella era Esposa de Jesus Christo e chegava ao porto, em demanda do qual navegára em mares cavados e tormentosos.

Quando a lamentavam sobre as privações, que soffria na clausura, comparadas com o fausto da posição, que deixára, dizia a Princeza com muito bom senso: «em Versailles tinha uma cama fôfa e deleitosa, mas não podia dormir; tenho aqui uma enxerga dura, e durmo perfeitamente; lá apresentavam-me uma meza delicada e saborosa, mas eu não tinha appetite; aqui a meza é singela e frugalissima, mas eu como com vontade e só tenho escrupulo de tudo me saber admiravelmente; na côrte ha obrigações forçadas como aqui, mas muito mais incommodas; ás cinco horas da tarde chamam-me aqui para a oração; em Versailles á mesma hora para o jogo; no convento ás nove horas da noite o sino me annuncia matinas; em Versailles á mesma hora me avisavam para ir á comelia. Aqui faço os meus enfeites em dois minutos; além gastava horas todos os dias. Aqui aproveito o tempo a tratar da minha salvação; no palacio consummia-o em vestir-me, a despir-me,

em descansar das fadigas das festas, em aturar importunos e em futilidades. Na côrte tudo quanto me rodeava eram promessas de prazeres, de que nunca gozei; aqui tudo quanto se promette são tristezas, e n'ellas me nutro com o maior prazer, sentindo uma alegria, de que não tinha conhecimento. E chego a perguntar: onde estão as austeridades, com que me apavoravam?»

Depois de professa a preexcelsa Carmelita foi nomeada mestra de noviças, encargo a que se sujeitou por obediencia. Foi n'essa qualidade de mãe carinhosa, que por exhortações e mais ainda pelo exemplo formava o coração das jovens religiosas, encaminhando-as para a verdadeira perfeição, de que a mestra era o mais bello modelo. Durante tres annos exerceu este logar, deixando a quantas tiveram a fortuna de serem dirigidas, sob as suas vistas, as mais saudosas recordações. Os seus carinhos subiam de ponto, quando alguma das noviças adoecia: então a sua caridade redobrava, e de noite e de dia ella velava junto da enferma, não se poupando a fadigas e desvellos.

Acabado este serviço e procedendo-se á eleição foi ella eleita Priora por unanimidade de suffragios, exceptuado o seu voto.

Esta eleição lisongeou o coração paternal do Rei, que foi pessoalmente felicitar sua augusta filha, dizendo-lhe que se comprazia vendo que ella estava tão competrada do espirito da sua vocação, que mereceu ser elevada á prelazia do mosteiro.

A nova priora respondeu ás felicitações do Monarcha:

«Preferiria antes, Papá, ter de occupar-me exclusivamente da minha santificação; porque sem embargo da estreiteza dos meus estados, conheço que é pesado encargo perante Deus o governo dos outros.»

A sua prelazia estava em tudo harmonica com a

sua extremada virtude e heroica abnegação. Mãe carinhosa, era antes a serva de suas subditas de que estas as que serviam. O que havia de peor em habito, á meza, no serviço era para ella.

A sua cella era pobrissima: o que se via ahi era apenas um crucifixo, tres imagens em papel, uma cadeira de palha, uma meza de pinho, um enxergão de palha, acolchoado e duro como uma taboa, e nada mais. Quando o rei da Suecia presenceou este desnudamento exclamou: «é aqui que habita uma Filha de França!»

«E' aqui, respondeu ella, que se dorme melhor do que em Versailles; é aqui que se engorda como Vossa Magestade vê, ao passo que lá me definhava.»

A regia Madre não gostava todavia de semelhantes ou quaesquer visitas; e assim o fez sentir delicadamente a este Soberano, quando elle lhe perguntou se o Imperador José II a tinha vindo visitar. A sua resposta foi a seguinte:

«Não veio, porque sabia que eu não gostava de ter visitas. Ainda bem que Vossa Magestade o ignorava.»

Ninguem a excedeu no cumprimento severo da regra. Assim embora amasse ternamente toda a sua familia, não procurava que a viessem vêr a S. Deniz. Dizia ella: que as relações com os parentes são grande tormento para as religiosas em geral, mas sobre tudo prejudicialissimas para uma carmelita.

E' diante de Deus que nós vemos utilmente nossos parentes, não só por amor d'elles mas tambem de nós. Quando recebo uma visita de familia, sinto-me feliz; mas quando ella acaba, sinto-me em paz.»

Para esta piedosa senhora, nada importava no mundo. Dizia ella: *ecce nos reliquimus omnia*. Já não era a Filha do Rei de França, a princeza illustre, cujo preclaro nascimento tão alto a guindara; era a Espo-



sa de Jesus Christo, a humilde filha de Santa Thereza de Jesus, a serva de todas, que havia feito rigoroso voto de pobreza, que não quebrantava por causa de motivo algum.

Foram decorrendo os tempos que a Princeza empregava nos exercicios da maior piedade, sobre os quaes recentemente se publicou historia um pouco minuciosa, escripta por uma Carmelita, que esteve em Autun e veio para S. Deniz. No mez de dezembro de 1787 declarou-se-lhe uma grave molestia, que muitos attribuem a envenenamento, propinado de fóra. Esta molestia teve um termo fatal a 23 do referido mez, indo a alma da Madre Thereza de Santo Agostinho gosar o premio de suas fadigas e a recompensa da cruz, que arrastou n'esta vida. Os sentimentos, em que ella morreu, foram conformes aos de toda a sua carreira; falleceu como verdadeira Carmelita descalça, n'essa humildade santa que caracteriza as filhas de Santa Thereza, n'esse desapego de tudo quanto é terreno.

Vendo-se proxima a morrer, já preparada com todos os sacramentos, mandou chamar uma religiosa, sua discipula, a quem muito amava e lhe disse: «adeus, Seraphina, vou-me embora.» Mas para onde, minha mãe? respondeu a religiosa banhada em pranto.

— Não me lamenteis, continuou a Princeza; pensava que Deus me reservava ainda muitas magoas, e eis que pe'a sua misericordia tudo está acabado.

Confio que elle me dará o ceu; não sou eu feliz? Nunca pensei que fosse tão suave a morte».

E tinha razão a augusta Carmelita. Arrebatando-a Deus na idade ainda forte de cincoenta annos, e dois annos antes de estalar o formidavel incendio, que tudo reduziu a cinzas, quiz livral-a dos horrores, que iam succeder-se. Envolvida no seu pobrissimo habito

de Carmelita poude a egregia dama cerrar tranquillamente os olhos, embora, segundo é voz geral, o seu termo fosse abreviado pela maldade dos homens. Se tem vivido alguns annos mais, teria visto subir ao cadafalso o Rei e a Rainha de França e a sua propria cabeça houvera sido decepada pelo ferro da guilhotina. O seu corpo sepultado no seu claustro não escapou á profanação revolucionaria de 1793, que não poupou vivos nem ainda os mortos. Seus restos foram exhumados e indignamente ultrajados, conjunctamente com os de seu pae e de todos os membros d'essa inelyta ascendencia, d'onde a humilde Carmelita descendia. <sup>1</sup>

A revolução, com o seu cortejo indispensavel de impiedades, barbaridades e sacrilegios varreu tudo, arrasou e convulsionou todas as instituições moraes, todos os monumentos materiaes que as symbolisavam.

A França tem tido momentos, em que o bom sen-

Toda a gente sabe que os republicanos de 1793 fizeram exumar todos os restos de membros da familia real, que estavam sepultados na vasta necropole de S. Denis. Essa sacrilega, infame e inutil profanação teve logar nos dias 6, 7 e 8 d'agosto, e continuou a 14 e seguintes até 25 de outubro. Um religioso da abbadia de S. Diniz, testemunha ocular d'este vilissimo sacrilegio deixou um diario, em que minuciosamente se descreve esse acto revolucionario, um dos mais execrandos d'essa epoca horrorosa. No dia 16 d'outubro á hora em que era decepada a cabeça da Rainha Maria Antonieta, era violado o tumulo de Luiz xv, que á porta da cidade dos mortos esperava o seu successor, que não chegou a entrar.

N'esse mesmo dia foram insultados os restos de Henriqueta de França, filha de Henrique iv e esposa do desventurado Carlos i d'Inglaterra, e os de sua filha Henriqueta Stuart, que fôra casada com *Monsieur* irmão unico de Luiz xiv.

A familia de Clovis e S. Luiz morta ou viva foi toda exterminada. E' a revolução com todo o seu cortejo de impiedade e allucinações vergonhosas e abominaveis!!

so e os principios da justiça e da liberdade despontam por entre as espessas brumas da insanía e da violação de todos os direitos. Em Portugal até de apresentar esses symptomas de arrependimento ha vergonha!

A virtude não deixa por causa d'essas aberrações de ser o que é, realmente grande e sublime; e para as almas elevadas, para os corações nobres sempre ella terá o grande valor, que lhe attribue a palavra divina, e a razão humana.

O processo para inscrever no numero dos santos a piedosa filha de Luiz xv está pendente da decisão dos poderes constituídos da Igreja. Aguardemos humildemente o seu *verdictum*, não o antecipemos sequer, relatando o muito que se refere dos prodigios, realisados pela intercessão d'aquella grande alma. O seu alto nascimento não lhe confere privilegios nem direitos alguns para inclinar o juizo do Supremo Hierarcha ácerca da sua gloria na eternidade, mas tambem não é esse um motivo para que a sua imagem deixe de subir aos altares.

Sé em alguma parte o principio, tão preconizado pela democracia, a egualdade, é á risca cumprido e observado, é na Igreja de Deus.

A princeza no claustro, no confessionario, na apreciação da Igreja, é collocada de nivel com a menos favorecida das creaturas humanas. O tribunal severo da Igreja colloca-a a par com o mendigo Bento José Labre, que nas ruas de Roma implorava a caridade publica para seu sustento, estando constantemente de joelhos.

Não é Luiza Maria de França o unico portento de virtude que o Carmelo tem produzido, desde a reforma de Santa Thereza. E' consideravel o numero de heroes, de um e outro sexo, que tem militado sob o es-

tandarte de Nossa Senhora do Carmo. Ha apenas vinte annos que em Braga triumphára dos horrores da vida o bem conhecido Frei João de Neiva, um dos ultimos eremitas do santo deserto do Bussaco. Era elle que nem sempre correspondia com a sineta da sua eremida, quando o bronze do cenobio, ás horas mortas da noite, dava o signal de despertar a todos os monges. E porque não respondia? Estaria saboreando as delicias do somno? Não. Estava absorvido na contemplação das maravilhas de Deus, e completamente alheado a si mesmo, ou trepava a rampa do Calvario com a cruz imitando o Divino Redemptor.

Santa Thereza amou, sim amou ardentemente; e as chammas d'esse amor devorante transmittiu-as aos seus filhos e filhas. Quanto é desconsolador não poder ou não saber amar! Para se amar, como soubera fazer-o a Reformadora do Carmelo, é mister ter uma resolução inquebrantavel, que não dobre nem vacile perante as provas da perseguição, das dores, dos desprezos, das ignominias, dos juizos do mundo e da morte.

E' esse amor que fórma os grandes santos, que constitue os heroes da perfeição.

Será indispensavel possuil-o para se alcançar a salvação e conseguir-se o fim da vida? Não. O Apostolo das gentes nos diz em poucas palavras o que é essencial: « todo o ponto está em observar os mandamentos de Deus » nos assegura elle, e não como opinião, mas como regra e axioma.

Lembremo-nos todavia de que tambem elle nos diz—que fomos comprados por um grande preço.

Fomos libertados da servidão e restituidos ao gozo da liberdade; e assim deve-se corresponder a esse alto preço por actos, que próvem a valia do objecto tão custosamente adquirido.

E' na lida, para corresponder a esse infinito sacrificio, que foi feito e consummado, que se esforçam as almas de uma tempera superior ao commum d'ellas.

Por não comprehendem isto esses espiritos vulgares, pelo ciume até que téem dos que muito se avantajam em dotes superiores, pelos sentimentos baixos porque se acham dominados, é que se faz guerra crua aos institutos religiosos.

Por mais que façam, elles não morrerão, porque é impossivel que falleçam completamente essas almas celestes, que aspiram ao que é sublime, ao que é ideal.

Esses admiraveis exemplares da penitencia e das miserias humanas são indispensaveis, para annunciar á prosperidade que ella é breve, ao vicio que elle é a negação da ordem.

Sem esses modelos da virtude e da abnegação, o mundo perde-se, as boas resoluções desfallecem, a formosura do bem estiola-se.

E' bom, é excellente, que todos os homens no lar domestico se compenetrem das gravissimas obrigações que lhes pesam, e não olvidem o que é o dever; mas a natureza é fraca, propensa a quedas frequentes, e para levantar-se precisa estímulos fortes, e nenhuns mais energicos do que os modelos do desinteresse e da abnegação.

Para patenteal-os haverá sempre almas privilegiadas, visitadas por santas inspirações. A vocação para a vida religiosa é hoje tão frequente como outr'ora.

Só os homens, desajudados da graça, os tibios, os indifferentes ousam affirmar que já não ha d'essas vocações irresistiveis, que arrastam poderosamente as almas para os aditos dos tabernaculos.

Empregam os governos todos os meios, ainda os mais reprovados, para desvial-as d'ahi e attrahil-as per-

fidamente para o vicio e para a devassidão. E' triste e lamentavel! Mas não lograrão nunca completamente tão depravado proposito.

Para interceder pelos homens, e inspirar-lhes boas acções, como sentinellas velam fulgurantes no ceu os grandes luminares da fé e da caridade. Para affastar a ira de Deus, o para-raios está no sanctuario, na oblação quotidiana, na mesa eucharistica.

Os peccadores não cessarão de ser chamados, e os justos não deixarão de reinar.

Os homens não são menos caros a Jesus Christo na epoca actual do que n'essas outras em que appareciam os ardentes patriarchas das Ordens religiosas, os dedicados missionarios, os desvellados confesores.

Elles continuarão a sua obra lá das glorias intermeratas da eternidade; se a sua missão pessoal terminou com a morte, a sua influencia moral é immorredoura, porque é immortal a redempção da humanidade e o sacrificio sangrento do Homem-Deus.

Por isso a Virgem do Carmo continuará a estender a sua benefica protecção, e não serão baldadas as supplicas, que se lhe enderecem.

O tempo corre veloz, e a vida das gerações escoase rapidamente; mas a missão da Igreja não tem limites que a restrinjam; ella se perpetua atravez dos seculos, e, por isso que a obra de Deus é eterna, é paciente e nunca pôde desesperar-se do seu exito.

A obra de Santa Thereza é uma porção de outra mais grandiosa e extensa, que desempenha a Igreja pelos seus innumerados recursos e pelas promessas solennes, de que é depositaria. E assim como esta não pôde morrer, tambem a outra tem uma vitalidade e uma fecundidade que não envelhecerá. O futuro per-

tence-lhe, porque as portas do inferno nunca a podem supplantar.

Bem vinda seja, pois, a commemoração do tricentésimo anniversario do triumpho da gloriosa Virgem Thereza de Jesus, porque elle despertará os bons sentimentos, que não estão extinctos, e apenas amortecidos; ella invocará as benções do ceu; e por tão efficaz patrona volverão dias mais serenos, e se dissiparão as nuvens pesadas que ha tanto tempo occultam os esplendores do sol da fé, da esperanza e da caridade.

---





# INDICE

---

**Capitulo I.** — O centenario de Santa Thereza. O que se commemora n'elle. Sublimidade das commemorações dos santos. Confronto entre estas festividades e as que tem um character mundano. A falsa liberdade e a verdadeira liberdade. O registro dos verdadeiros heroes. Veneração que lhes é devida. Muitos d'estes ficaram desconhecidos para o mundo. Thereza de Jesus é uma d'essas heroínas. A Hespanha celebra os seus grandes vultos. Não podia esquecer a reformadora do Carmelo, como um dos maiores entre elles. Calderon de la Barca. Murillo. Elogio de Santa Thereza. Feição predominante da sua heroica vida. S. Paulo e S. Thiago evangelizando na Hespanha. Outras glorias christãs da Hespanha. Esta nação ainda hoje se honra de ser catholica. A religião catholica é uma instituição nacional inviolavel. Livros sobre Santa Thereza. E' ella gloria para a Hespanha, mas ainda maior para a Egreja universal. A anarquia das idéas modernas. A imprensa pervertida. O ascetismo e a desordem moral. Fim d'esta obra. Elementos que foram consultados para se crevel-a. Bossuet e Fénelon a respeito de Santa Thereza. Os Carmelitas deviam ter escapado ao decreto impio, que arrazou os mosteiros. O Bussaco carmelita e o Bussaco profanado. As bachanaes da impiedade. A cruz.....

I

**Capitulo II.** — Nascimento de Santa Thereza. Estado da Hespanha n'essa epoca, — a mais esplendida

para esta potencia. Sentimentos cavalheirosos e christãos d'este periodo historico. Paes é familia da Santa. Perturbações religiosas do tempo. Santo Ignacio de Loyola e Santa Thereza de Jesus. S. Segundo, evangelizador de Avila. Pertencia á Lusitania, cuja sé metropolitana era Merida. Priscillianismo, e erros do priscillianismo. Sua origem. Digressão sobre o gnosticismo. Luctas promovidas pelo priscillianismo. Synthese d'esta heresia. Celebridade d'Avila. Martyrio de S. Vicente e de suas irmãs. Divisa de Avila. Posição elevadissima d'esta cidade. Digna era de ser o berço de Thereza. Infancia de Santa Thereza. Deseja ser martyrisada. Foje de casa, e é surprehendida. Procura depois a vida de anachoreta. Morte da mãe da Santa. Perigos a que se acha exposta depois d'isto. Palavras de Santa Thereza expondo o que passára. Entra como educanda em um convento de Agostinhas. Sahe por motivo de doença. Vai a casa de sua irmã mais velha e passa pela de um seu tio. Começa a pensar em fazer-se religiosa. Sahe para isso da casa paterna com um de seus irmãos. Entra no convento da Encarnação das Carmelitas de Avila. O estado monastico.....

29

**Capitulo III.** — Entra Santa Thereza no mosteiro.

Uma religiosa enferma. Thereza pede a Deus que lhe conceda a provação das enfermidades. Profissão. Doença. Sahe do convento. Suas leituras. Caso de um ecclesiastico que a confessara. Santa Thereza tem um accidente, que a consideraram morta. Volta á vida, depois de um extasi, e pede a S. José para lhe alcançar alguma saude para trabalhar e glorificar a Deus: Modo de orar, descripto pela Santa. Distrae-se da oração. Ocupa-se de conversações nos locutorios. Morre o pai de Santa Thereza. Confissão

geral que esta faz. Entrega-se de novo á oração aos 25 annos da sua idade. Confissões a este respeito, escritas pela Santa. Difficuldades da oração mental. Estado presente da sociedade comparado ao d'essa epoca. Revolução religiosa, precursora da revolução politica. Santos da particular devoção da Santa. David, o rei propheta, Maria Magdalena, Maria Egypciaca, Agostinho, e outros. O livro e drea leitões. A verdadeira gloria, a que póde aspirar-se na terra.....

67

**Capitulo IV.** — Santa Thereza vê um painel representando Jesus Christo crucificado. Lê as confissões de Santo Agostinho. Impressões d'esta leitura, descriptas por ella mesma. Santa Thereza tornou-se doutora e mestra na doutrina da oração. Consulta o Padre Gaspar Daça ácerca do seu estado espirital. Opinião d'este consultor, depois de ouvir outras pessoas muito competentes. Confessa-se a um Padre da Companhia de Jesus. Visita-a S. Francisco de Borja. Confessa-a o Padre Balthasar Alvarez, da Companhia de Jesus. Conselheiros importunos dizem á Santa que os favores que recebia do ceu eram ciladas do demonio. A calunnia e a inveja a assaltam no seu recolhimento. Remedios efficazes contra estes assaltos. Dedicção de Santa Thereza pela Companhia de Jesus. Importancia d'este Instituto. Descripção que a Santa faz da oração. Quatro graus diversos. Graças extraordinarias com que a Santa era favorecida..

97

**Capitulo V** — Contemplaçáo da humanidade de Nosso Senhor Jesus Christo. O confessor de Santa Thereza a adverte quanto aos arronbamentos, que podiam ser ciladas diabolicas. O seu coração é atravessado por um dardo de ouro. Vem S. Pedro d'Alcantara a Avila. Entrevista dos dois Santos. Progressos agignatados da Santa na via da perfeição. Sua humildade extraor-

dinaria. Dom de presciencia. Visão do inferno. Visão do ceu. Pensamento de tornar-se reformadora da sua ordem. Communica-o a sua sobrinha e a D. Guio-mar de Ulloa. Consulta o seu confessor, o provincial, S. Hedro d'Alcantara e S. Luiz Beltrão. O provincial retira a permissão; e então consulta a Frei Pedro Yanguéz. Este aprova o plano, mas o seu confessor a dissuade. Confessa-se com o Padre Gaspar Salazar, da Companhia de Jesus. Confortos que d'ahi lhe advieram. Compra-se o terreno para o primeiro convento carmelita reformado. Difficultades que encontra. Aparece-lhe S. José e Santa Clara. Um préga-dor a invectiva na Egreja. Resuscita um seu sobri-nho que ficára morto debaixo de um muro do novo convento. E chamada a Toledo por ordem do pro-vincial. Entra na casa da duqueza de Medina — Coeli. Grande estira que ahi alcança. . . . . 129

**Capitulo VI** — Entrevista de Santa Thereza com Maria de Jesus d'Alcalá. Visão da Santissima Trindade. Volta de Toledo para Avila. Chega o Breve pontificio, auctorisando a reforma da ordem carmelitana. Intervenção de S. Pedro d'Alcantara. Endereça ao Bispo d'Avila uma petição para se dar cumprimento ao Breve pontificio. Fundação do convento de S. José d'Avila. Escrupulos de Santa Thereza. E' esta chamada ao seu convento e obedece promptamente. Resoluções do provincial, e tumultos na cidade contra o mosteiro reformado. Successos que houve n'este assumpto. Volta a Santa para o novo convento, e dá governo á casa. Rigor da observancia n'esta pequena communitade. Escreve a obra. Caminho de Perfeição. Fim d'este livro. Vem a Avila o geral dos Carmelitas. Auctorisações que concedeu. Trata da fundação de Medina del Campo e sahe de Avila. Fundado o

convento, pensa em estender a reforma aos frades e offerecem-se-lhe dois, e entre elles S. João da Cruz. Suas obras e virtudes. Vai a Madrid, onde é recebida pela Princeza D. Joanna e d'ahi a Toledo para a fundação do convento de Malagão. Virtudes d'aquella senhora. Santa Thereza passa por Alcalá d'Henares. Arrebatamentos de Santa Thereza em Malagão. O que logram os grandes contemplativos.....

162

**Capitulo VII**—Santa Thereza aceita uma casa em Daruelo para convento de frades carmelitas descalços. Depois vai fundar a Valladolid convento de descalças. Casos succedidos, que denotam o grau de presciencia da Santa. Vai a Santa a Toledo e visita o pobre cenobio de Daruelo. Pobreza do convento de Toledo. Fundações de Pastrana, Salamanca e Alva. E' desterrada pelo provincial. Vem o visitador pontificio a Avila e revoga a ordem do provincial, mandando a Santa para prioreza no convento de Medina del Campo. Vem nomeada para prioreza do convento da Encarnação. Vai depois a Salamanca. Carta de Santa Thereza a Frei Luiz de Granada. Fundação de Segovia. Acaba o convento de Pastrana. A Princeza Eboli. Outras visões de Santa Thereza. Em o convento da Encarnação querem as freiras reelegel-a para prioreza. Fundação de Beas. Vai para Sevilha e ahi encontra difficuldades para a fundação. Vence-as, mas em seguida principia perseguição violenta contra ella e os principaes vultos da Ordem reformada, que são encarcerados. Santa Thereza vai presa para o convento de Toledo. Durante a reclusão escreve o livro das Fundações e o Castello da Alma. Exposição da summa d'esta obra. Desastre e morte d'El-Rei D. Sebastião. Austeridades de Catharina de Cardona. Fundação de Villa-Nova-de-la-Jara.....

197

**Capitulo VIII** — Trata se da emancipação da ordem dos carmelitas descalços, separando os do Capitulo geral da ordem. Vai a Villa-Nova-de-la Iara para fundar mosteiro. Depois, a rogos do Bispo, vai a Palencia. Eleição do primeiro provincial carmelita descalço. Fundação de Soria. Frei Diogo de Yepes, biographo da Santa. Volta esta a Avila, e expede o Padre Frei Ambrosio Marianno para vir reformar a ordem carmelita a Portugal. Deputa tambem Anna de Jesus para a fundação de Granada. Vai pessoalmente a Burgos para fundar convento. Estorvos oppostos pelo Arcebispo. Resolução favoravel e fundação do mosteiro. Volta de Burgos a Medina, e d'ahi vai a Alva a instancias da duqueza. Declara-se a doença mortal. Deus lhe revela o dia do seu proximo transito. Confessa-se e recebe os derradeiros sacramentos. Ultimos instantes de Santa Thereza. Confronto entre ella e S. Francisco d'Assis. Salto no calendario no dia da morte de Santa Thereza. Milagres depois da sua morte. Suas trasladações. Suas eminentes qualidades. Sua canonisação. Outras canonisações na mesma occasião. Grande numero de santos n'este seculo decimo sexto . . . . .

233

**Capitulo IX** — Introducção da reforma carmelita em differentes nações. Separação da ordem reformada do Capitulo geral. Provincia de S. Filippe em Portugal. Frei Ambrosio Marianno. Zelo de Filippe II pela ordem dos carmelitas. Fundação em Lisboa. Rigorosa observancia do novo convento. Missioarios carmelitano. Fundação do convento de religiosas de Santo Alberto. A Madre Maria de S. José prioieza. Profissão de uma filha do Imperador da Allemanha. Disciplina severa no convento de Santo Alberto. Introducção das religiosas flamengas em Lisboa. Hospe-

dam-se no convento de Santo Alberto. A ordem carmelita em Portugal. Fundação de Cascaes. Fundação d'Evora. Fundação de Alter do Chão e extinção d'este mosteiro. Convento de freiras em Cascaes. Fundação em Figueiró dos Vinhos. Fundação do Collegio de Coimbra. S. José dos Mariannos. Ursulinas de Pereira. Fundação no Porto. Desejos de se fundar um deserto carmelitano. Difficuldade des que surgem. Procura-se local. A serra do Bussaco. Excellencias d'este ermo. Exemplos maravilhosos de seus moradores.

269

**Capitulo X.** — Desmoralisação do seculo decimo oitavo.

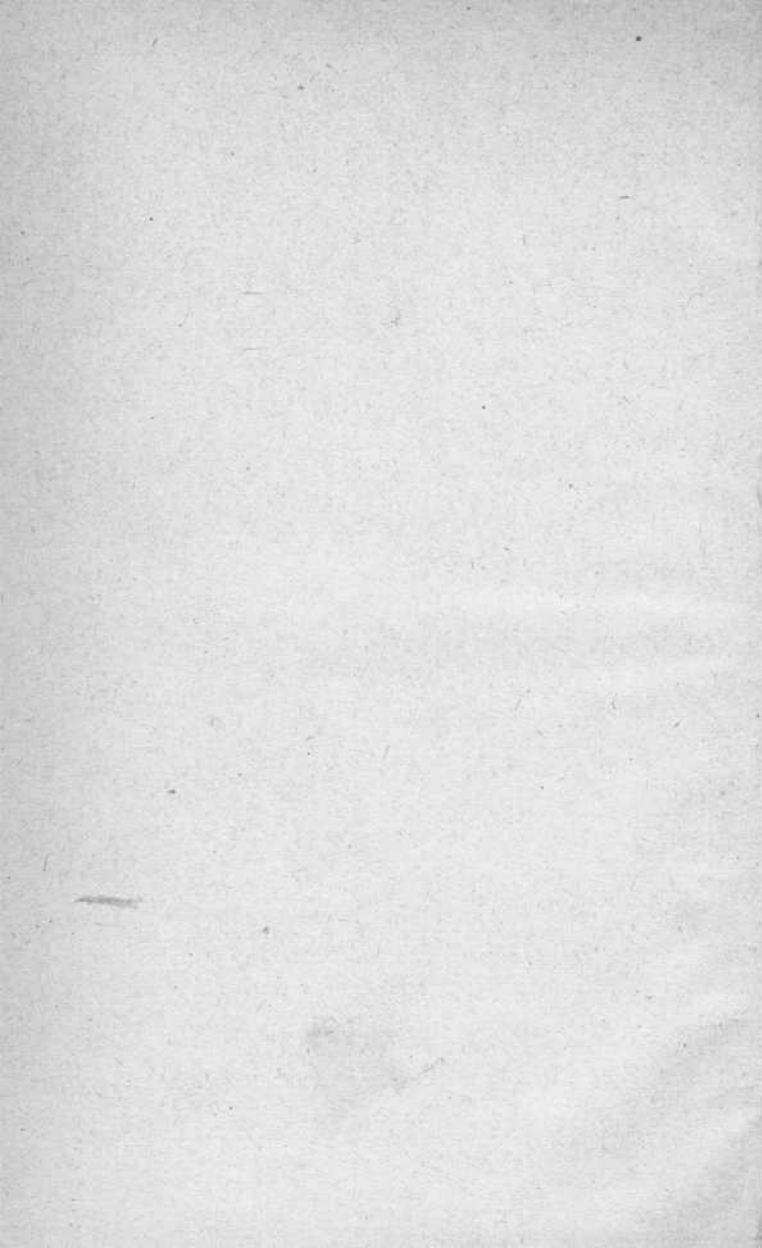
A casa de França. Luiza Maria, Princeza de França. Entra no convento das Carmelitas de S. Diniz. Surpreza causada pela sua resolução. Passos que dá para obter a auctorisação de seu pai, o Rei Luiz XV. Concessão d'este monarca. Entrevista da Princeza com o Superior das Carmelitas. Recepção solemne do veu do noviciado. Profissão. Passa a ser mestra de noviças. E' eleita prioreza. O Rei vai felicitá-la. Visita o Rei da Suecia. Fallecimento d'esta virtuosa carmelita. Triste situação da sua familia poucos annos depois da sua morte. O carmelita portuguez João da Neiva. Amor ardente de Santa Thereza e das suas filhas. Missão gloriosa da Igreja. O futuro pertence-lhe, porque é eterna.....

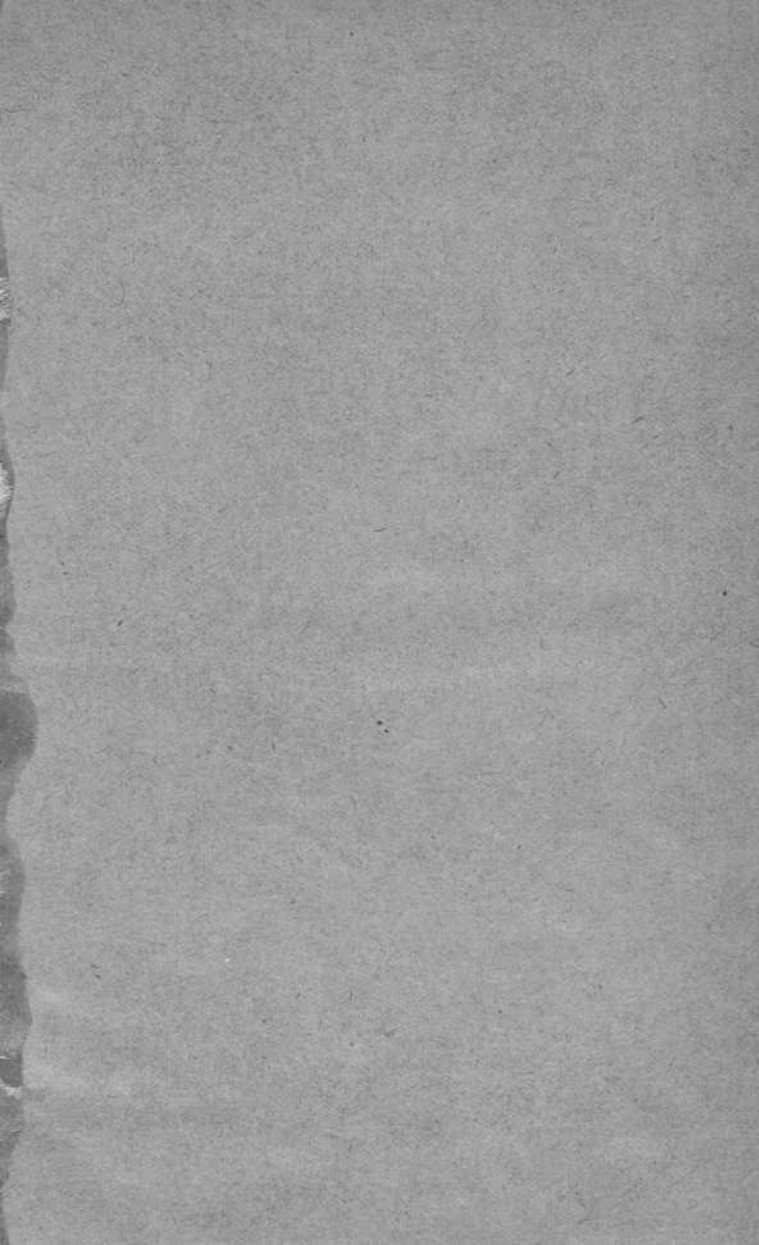
305













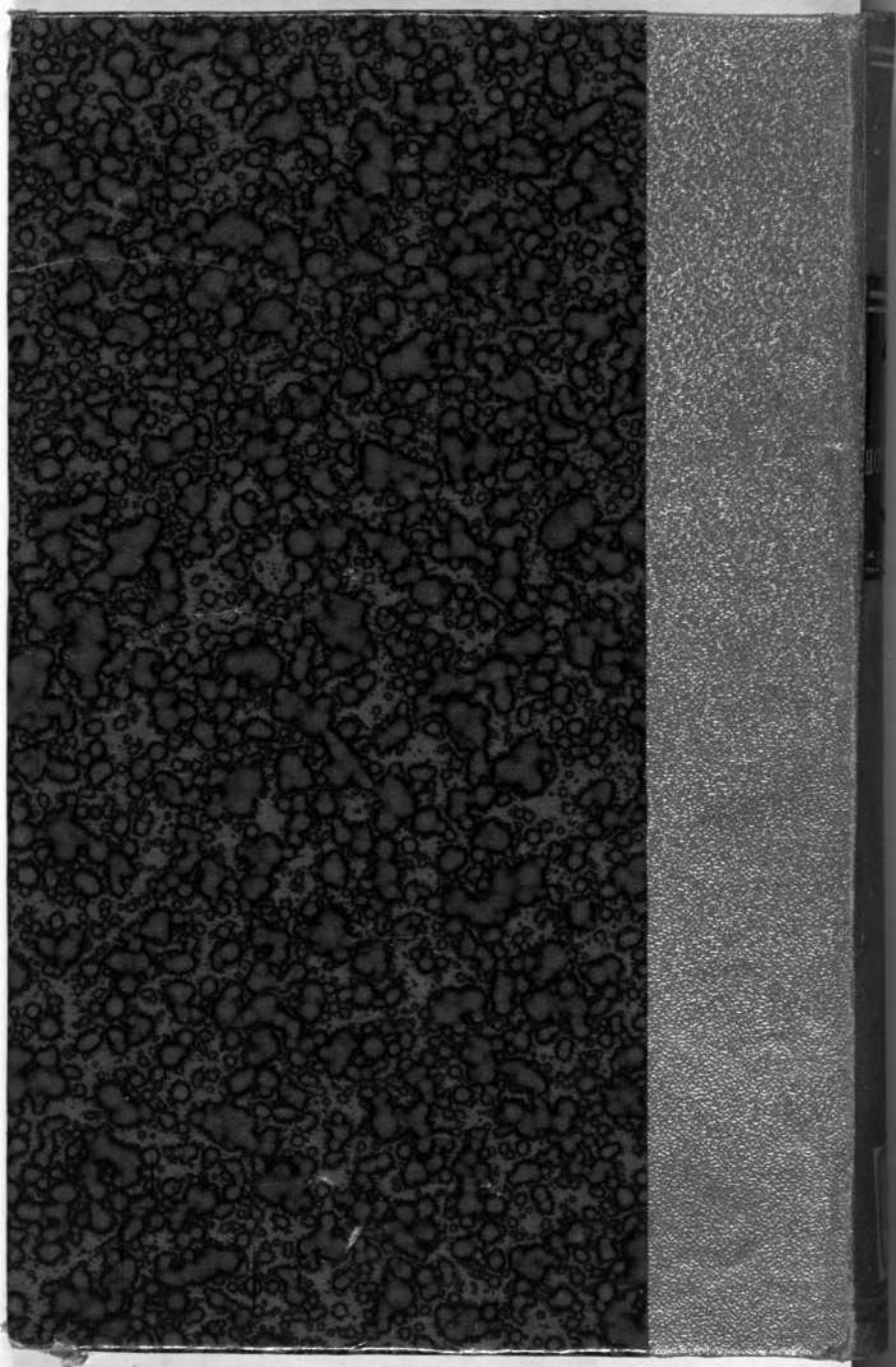
# MARQUÉS DE SAN JUAN DE PIEDRAS ALBAS

BIBLIOGRAFÍA TERESIANA

## SECCIÓN III

Libros escritos exclusivamente sobre Santa Teresa  
de Jesús.

Número.....	237	Precio de la obra..... Ptas. ....
Estante.....	1	Precio de adquisición. » .....
Tabla.....	6	Valoración actual..... » .....



THEREZA

HOMENAGEM

237.